PROBLEMATA
International Journal of Philosophy

Problemata - Revista Internacional de Filosofia
v. 17. n. 3 (2026), p. 173-190 ISSN 2236-8612
doi:10.7443/problemata.v17i3.77344

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O PERDÃO NO CONTEXTO DA PSICANÁLISE, DA FILOSOFIA E DAS EXPERIÊNCIAS DE QUASE-MORTE

FORGIVENESS, FREEDOM, AND NEAR-DEATH EXPERIENCES: A PHENOMENOLOGICAL AND PSYCHOANALYTIC INQUIRY INTO ETHICAL AND METAPHYSICAL TRANSFORMATION

René Armand Dentz Jr[1]
José Francisco Fernandes Junior[2]

Resumo:
Este artigo investiga o perdão como fenômeno psicológico, filosófico, ético e metafísico, articulando psicanálise, hermenêutica filosófica e pesquisas empíricas sobre experiências de quase-morte (EQMs). Inicialmente, examina o ressentimento, a culpa e a elaboração simbólica do sofrimento à luz da psicanálise, estabelecendo um diálogo com Paul Ricoeur acerca da identidade narrativa, da lógica do dom e do caráter não coercitivo do perdão. Em seguida, analisa aspectos fenomenológicos das EQMs, particularmente a revisão panorâmica da vida, os encontros com o chamado "ser de luz", a intensificação da consciência reflexiva, a empatia radical e as transformações existenciais posteriores. Investiga-se como experiências de autoperdão, reconciliação e aceitação incondicional podem favorecer uma reorientação ética e afetiva da subjetividade. Argumenta-se que tais experiências suscitam questionamentos às interpretações fisicalistas reducionistas da consciência, sem constituírem, por si mesmas, evidência conclusiva de sua superação. Conclui-se que as EQMs oferecem um horizonte interdisciplinar relevante para compreender o perdão como acontecimento transformador, capaz de ressignificar a memória, reconfigurar a identidade narrativa e ampliar as possibilidades humanas de reconhecimento, liberdade e renovação existencial.

Palavras-chave: Perdão; experiências de quase-morte (EQMs); psicanálise; fenomenologia; estudos da consciência

Abstract:

This article investigates forgiveness as a psychological, philosophical, ethical, and metaphysical phenomenon, integrating psychoanalysis, philosophical hermeneutics, and empirical research on near-death experiences (NDEs). It initially examines resentment, guilt, and the symbolic elaboration of suffering through psychoanalytic perspectives, establishing a dialogue with Paul Ricoeur's reflections on narrative identity, the logic of the gift, and the non-coercive character of forgiveness. It subsequently explores the phenomenological dimensions of NDEs, particularly panoramic life reviews, encounters with a "being of light," heightened reflective awareness, radical empathy, and subsequent existential transformations. The analysis considers how experiences of self-forgiveness, reconciliation, and unconditional acceptance may foster ethical and affective reorientation. It argues that such experiences raise significant questions for reductionist physicalist interpretations of consciousness without necessarily providing conclusive evidence against them. The article concludes that NDEs offer a relevant interdisciplinary framework for understanding forgiveness as a transformative event capable of reinterpreting memory, reconfiguring narrative identity, and expanding human possibilities for recognition, freedom, and existential renewal.

Keywords: Forgiveness; Near-Death Experiences (NDEs); Psychoanalysis; Phenomenology; Consciousness Studies

[1] Doutor em Teologia (FAJE). Professor da PUC Minas. Professor Titular do curso de Direito da FUPAC-Mariana. Professor colaborador da Pós-Graduação no Centro Universitário São Camilo/SP e do Instituto Teológico Dom Hermínio Malzone Hugo. Email: renedentz@gmail.com, Lattes: http://lattes.cnpq.br/9826499587126884

[2] Mestrando em filosofia (UFJF). Email: fernandes.junior@ufjf.br, Lattes: http://lattes.cnpq.br/8839074132955217

Introdução

O perdão é uma temática urgente não somente para o campo da religião e da espiritualidade, mas também um assunto de urgência filosófica, ética e científica. No encontro entre neurociência, psicologia e filosofia moral, o perdão se apresenta não apenas como um gesto individual de reconciliação, mas como um horizonte existencial, capaz de reconfigurar o sentido da liberdade, da identidade e da relação com o outro. Atravessado por tensões entre o desejo de justiça e o apelo à compaixão, entre a memória e o esquecimento, o perdão exige um pensamento mais complexo do que a mera moralização da dor.

O aspecto mais profundo de recentes descobertas sobre o perdão, advindas de Luskin (2002) e Worthington (2006) apontam que, além de haver uma relação entre perdão e cura no nível psíquico e fisiológico, o perdão é um ato de liberdade interior. Não se trata de uma anistia moral ao ofensor, mas de um rompimento com o ciclo da vitimização e da repetição.

Filosoficamente, Ricoeur (2004) foi talvez o autor que mais radicalmente abordou essa ambiguidade do perdão. Ele afirma que o perdão forma um horizonte ético onde a culpa, a responsabilidade e a possibilidade de recomeçar se articulam. O perdão não apaga a memória, mas a ressignifica. Ele nos autoriza a separar o agente de seu ato, a distinguir entre a identidade ferida e a potência de renovação da vida. Como tal, não se pode exigir o perdão como um dever; ele é um dom. É precisamente essa gratuidade que o torna, como queria Derrida, um gesto que só pode acontecer "no impossível".

Do ponto de vista ético, o perdão é o que rompe o ciclo da vingança, da reciprocidade violenta, da justiça como castigo. Arendt (2003) sugeria que o perdão e a promessa são as duas capacidades humanas capazes de remediar a imprevisibilidade da ação. Perdoar é, assim, instaurar uma nova possibilidade de relação, não fundada na repetição do passado, mas na abertura para o inédito.

Uma grande questão que se coloca na atualidade envolve saber como pensar o perdão em um mundo dominado por algoritmos, polarizações e narcisismos digitais? Como cultivar a empatia e a escuta se vivemos em bolhas, retroalimentados por redes que premiam a indignação e a performatividade da raiva? A prática do perdão exige, hoje, uma verdadeira revolução cultural. Significa resgatar a singularidade do outro diante da homogeneização dos dados; significa sustentar a memória viva em face do esquecimento acelerado. Portanto, podemos pensar que perdoar é um desafio, que exige esforço ativo e que envolve uma complexidade social, cultural, temporal, cognitiva, ética e ontológica.

Do ponto de vista filosófico, o perdão nos reconcilia com o humano. Ele é uma afirmação da liberdade contra toda forma de determinação mecânica ou ressentida. É uma prática de resistência subjetiva. Não é um mandamento, é um evento: algo que acontece quando a linguagem, o tempo e o desejo se abrem ao encontro.

Perdoar não é esquecer. Tampouco é justificar. Perdoar é criar um espaço ético onde a dor possa ser narrada sem se tornar identidade. Onde a história ferida possa ser contada sem se tornar destino. Onde a humanidade ainda possa recomeçar, mesmo depois do imperdoável. Esse é o lugar mais profundo em que ciência, ética e filosofia se encontram: na aposta de que, apesar de tudo, o humano ainda é possível.

O perdão é um tema que atravessa culturas, religiões e filosofias, desafiando nossos conceitos mais básicos sobre justiça, liberdade e relações humanas. Apesar

de ser comumente associado ao campo religioso, especialmente ao cristianismo, sua relevância transcende esse limite, assumindo um papel crucial em debates filosóficos, éticos e psicológicos. No entanto, o que significa, realmente, perdoar? Seria o perdão uma obrigação moral, um dever imposto por convenções sociais ou religiosas, ou ele se apresenta como uma possibilidade, algo que só pode ser genuinamente realizado na liberdade? Ao longo da história, o perdão tem sido visto tanto como uma força poderosa de cura e transformação quanto como um fardo imposto à vítima, que muitas vezes é instada a esquecer o passado e seguir em frente.

Faz-se necessário explorar a complexidade do ato de perdoar. O perdão genuíno não pode ser reduzido a uma simples resposta emocional. Ele envolve um processo profundo de reflexão, uma ressignificação do passado e, em muitos casos, um ato de superação de ressentimentos e traumas que, de outra forma, continuariam a assombrar a memória e a identidade do ofendido.

No entanto, isso não significa que o perdão seja acessível ou mesmo desejável em todos os contextos. Ao contrário, a impossibilidade de perdoar — seja por questões psicológicas, éticas ou mesmo devido à gravidade da ofensa — é um tema central nas discussões contemporâneas sobre o perdão. Nesse sentido, uma das questões mais complexas que surgem quando se discute o perdão é a distinção entre o "perdoável" e o "imperdoável".

Ricoeur (2004) oferece uma perspectiva na qual o perdão não pode ser reduzido a uma simples troca ou à lógica de reciprocidade. Ele envolve uma dimensão de generosidade e superabundância, que permite ao ofendido e ao ofensor se reconciliarem com o passado e seguirem adiante. Para Ricoeur (2004. p. 202), o perdão é parte de uma "lógica do dom", onde a graça e a gratuidade desempenham papéis centrais. Essa visão, que conecta o perdão ao amor, à generosidade e à compaixão, desafia a noção de que o perdão deve ser condicional ou que ele só pode ocorrer quando o ofensor expressa arrependimento.

Ainda assim, é fundamental perguntar: até que ponto o perdão é realmente possível em um mundo marcado por narcisismo, ressentimento e divisões profundas? Vivemos em uma época de hipervisibilidade, em que as redes sociais amplificam conflitos e ressentimentos, muitas vezes perpetuando a lógica da vingança e da justiça retributiva. O narcisismo, como aponta a psicanálise, é um obstáculo significativo ao perdão, pois o indivíduo preso em uma visão inflada de si mesmo tem dificuldade em reconhecer a vulnerabilidade do outro e em renunciar ao ressentimento. A cultura contemporânea, marcada por um individualismo exacerbado, parece, em muitos aspectos, hostil ao perdão. O foco na autoimagem, no sucesso pessoal e na competição impede muitas vezes a capacidade de perdoar, pois o perdão requer empatia e a disposição de olhar além de si mesmo.

Nesta investigação sobre o perdão, examinaremos também o papel da memória. Como é possível perdoar sem esquecer? E, por outro lado, o perdão requer necessariamente o esquecimento? A memória, conforme explorada por Ricoeur e outros filósofos, desempenha um papel crucial na construção de nossa identidade e no modo como nos relacionamos com o passado. Não é possível perdoar sem antes reconhecer a profundidade da ofensa e o impacto que ela teve sobre nossa vida. No entanto, o perdão não implica apagar o passado, mas ressignificá-lo, encontrando uma nova maneira de relacionar-se com ele. Esse processo de reconciliação com o passado é o que permite ao sujeito perdoar de maneira autêntica, sem negar a dor ou a gravidade da ofensa.

Essas questões apontam para a complexidade e as nuances do perdão, numa perspectiva cultural, social, psicológica e filosófica. Buscamos lançar luz sobre as várias facetas do perdão, estabelecendo as bases para uma análise aprofundada de seus desafios e de seu papel na vida contemporânea e nas relações humanas.

Dessa maneira, apontamos a necessidade de realizar uma investigação crítica e abrangente sobre o perdão, questionando suas condições, limites e potencial transformador. Em tempos de profundas divisões sociais e políticas, o perdão continua sendo um tema central para a filosofia, a teologia e a psicologia, e oferece uma possibilidade de superação dos conflitos humanos.

No entanto, o perdão genuíno não pode ser imposto ou manipulado; ele deve ser conquistado através de um processo livre, consciente e profundamente humano, que respeite a singularidade de cada experiência e a complexidade do sofrimento.

Ao explorar as diversas dimensões do perdão, buscamos contribuir para uma compreensão mais profunda e nuançada dessa prática essencial.

O Perdão como Travessia Psicanalítica: Entre o Inconsciente e a Ética da Liberdade

Embora frequentemente entendido como um gesto ético ou religioso, o perdão também habita os terrenos mais profundos da alma: o inconsciente. A psicanálise, com sua escuta das camadas subterrâneas do desejo e do trauma, oferece um campo fecundo para compreender o perdão não como imposição moral, mas como um processo — às vezes longo, sempre singular — de atravessamento do ressentimento, da culpa e da dor psíquica. O perdão, nesse registro, não é uma decisão repentina, mas uma transformação progressiva da relação do sujeito com seu passado e com os afetos que nele se fixaram.

As categorias do ressentimento e da culpa são centrais na clínica psicanalítica e revelam-se obstáculos comuns ao perdão. O ressentimento, ao se cristalizar, fixa o sujeito em uma posição imaginária de superioridade diante do ofensor, sustentando uma economia psíquica baseada na dívida e no gozo do vitimismo. Já a culpa, por vezes inconsciente, pode paralisar o sujeito, impedindo-o de elaborar a falta e de se reconciliar consigo mesmo. Nesses casos, o perdão não é apenas uma saída relacional, mas um verdadeiro caminho de cura subjetiva.

A escuta psicanalítica permite que esses afetos venham à linguagem — e só quando simbolizados podem ser trabalhados. A fala não dissolve o trauma de imediato, mas inaugura um percurso: o de desatar os nós do tempo psíquico. O perdão, nessa ótica, é menos um “fim” e mais um deslocamento do sujeito em relação à sua própria história. É nesse deslocamento que emerge a possibilidade de viver com a ferida sem se reduzir a ela.

Nesse sentido, perdoar, para a psicanálise, é renunciar ao lugar da repetição. O perdão implica atravessar o narcisismo ferido, a imagem idealizada de si, e se abrir à alteridade — inclusive à alteridade interna. A reconciliação não se dá com o outro apenas, mas com o próprio desejo, com a própria vulnerabilidade, conferindo ao perdão a dimensão de uma travessia ética e afetiva.

No horizonte ético, essa abordagem nos convida a pensar o perdão como liberdade. O sujeito que perdoa não o faz por obediência a um mandamento, mas por ter encontrado, no exercício da palavra, uma nova posição diante de si e do mundo. A cura, nesse caso, não é esquecer o que houve, mas reencontrar-se com o

que ainda pode ser feito com isso que houve. É a passagem do trauma à narrativa, do sintoma ao sentido, do sofrimento mudo à responsabilidade subjetiva.

É por isso que o perdão, em psicanálise, se aproxima da ética da responsabilidade mais do que da moral da culpa. Trata-se de sustentar o que foi, sem que isso defina o que virá. O que está em jogo é a liberdade do sujeito diante da própria história. O perdão psicanalítico não é indulgência nem absolvição — é reinvenção. Como na lógica de Paul Ricoeur, ele não anula a ofensa, mas permite que se reconstrua a identidade para além dela. Ele nos devolve à vida.

Assim compreendido, o perdão deixa de ser uma exigência ou uma performance social para se tornar uma travessia silenciosa, porém revolucionária. Uma prática de escuta, elaboração e liberdade. Em tempos de ressentimento crônico e identidades fixadas na dor, a psicanálise nos lembra que perdoar pode ser, paradoxalmente, um ato de coragem e de criação.

O perdão: da psicanálise às EQMs

Como podemos notar, os desafios do perdão são consideráveis e significativos, mas as suas possibilidades trazem profundos reflexos para o sujeito. A investigação sobre o perdão nos mostra a sua importância, mas também a sua complexidade humana, psicológica, existencial e filosófica.

Tendo sido feito esse percurso investigativo sobre o perdão, passaremos a analisar a fenomenologia de eventos que ocorrem em EQMs, que podem ser mediados e possibilitados por experiências de perdão. As EQMs são experiências espirituais, significativas, profundamente transformadoras e de grande interesse científico e filosófico.

Embora EQMs possam ser encontradas em situações sem risco de vida (CHARLAND-VERVILLE et al, 2014; FACCO & AGRILLO, 2012; GABBARD & TWEMLOW, 1991), o modelo mais pesquisado envolve experiências que ocorreram em paradas cardíacas (VAN LOMMEL, et al, 2001), em contextos de ausência de batimentos cardíacos, ausência de respiração, ausência de reflexos no tronco encefálico, ausência de fornecimento sanguíneo e de oxigênio para o cérebro, conferindo os critérios médicos para morte clínica. EQMs ocorrem com 10% a 23% das pessoas que passam por paradas cardíacas e que são ressuscitadas (GREYSON, 2003; SCHWANINGER et al, 2002).

EQMs são um estado peculiar de consciência, com uma ampla fenomenologia, que inclui o relato de ter saído do próprio corpo, de atravessar um túnel, de ingressar naquilo que os sujeitos descrevem como uma outra dimensão ou plano da realidade, vivendo sentimentos de paz e amor incondicional, de encontrar um ser de luz (que pode ser definido como Deus, ou alguma figura religiosa), encontrar familiares mortos, passar por uma revisão de vida e chegar a um ponto final, uma fronteira, diante da qual retornam para seus corpos.

O impacto transformador das EQMs

Diferentes pesquisas têm evidenciado o impacto positivo, o poder transformador e a influência dessas experiências na saúde mental de quem as vivencia. De fato, EQMs podem deixar marcas profundas e duradouras nos indivíduos (GREYSON, 2023; MIQUEL-SENDRA & GARCÍA-ALANDETE, 2025; RING & VALARINO, 2001).

Tem sido bem documentado que as mudanças após uma EQM são duradouras e abrangentes, envolvendo mudanças psicológicas, de atitudes e valores, além de mudanças na vida cotidiana e interpessoal (GREYSON, 2007; GREYSON, 2022; MIQUEL-SENDRA & GARCÍA-ALANDETE, 2025).

Importantes mudanças em relações pessoais envolvem tornar-se mais altruísta, mais generoso, com maior aptidão para compreender as diferenças, para aceitar o novo e diferente (SILVA & MOREIRA-ALMEIDA, 2023).

Algumas dessas mudanças envolvem aumento da espiritualidade (MIQUEL-SENDRA & GARCÍA-ALANDETE, 2025), maior busca de sentido e apreciação mais profunda da vida, diminuição do medo ou da ansiedade da morte (LONG & WOOLLACOTT, 2024; NOYES JR, 1980; PEHLIVANOVA, CARROLL & GREYSON, 2022), maior crença em vida após a morte (BIANCO et al, 2019; GROTH-MARNAT & SUMMERS, 1998; LONG & PERRY, 2010; LONG & WOOLLACOTT, 2024). Outras mudanças apontam para redução do interesse em posses materiais (GROTH-MARNAT & SUMMERS, 1998).

Após uma EQM, há uma diminuição de tendências suicidas, e invariavelmente há aumento do desejo de viver, do senso de valor e significado da vida, e uma intensificação do senso de propósito de vida (GREYSON, 1993).

Céticos alegaram que todos os efeitos posteriores à EQM se devem mais à experiência de quase ter morrido, do que à EQM propriamente dita, especulando que seria o fato de as pessoas terem visto a morte de perto, não a EQM, que explicaria as mudanças de vida (LONG & PERRY, 2010).

Entretanto, os estudos de Schwaninger et al (2002) e van Lommel et al (2001) apontaram diferenças significativas nos efeitos posteriores em indivíduos que quase morreram mas não tiveram EQM, e indivíduos que quase morreram e tiveram uma EQM. Os indivíduos que quase morreram e tiveram EQM manifestaram muito mais efeitos posteriores do que os do outro grupo, sendo essas transformações profundas, duradouras e com a qualidade de ter aumentado com o tempo.

Schwaninger et al (2002, p.215) apontam que essas diferenças ocorreram "em relação à compreensão pessoal da vida e de si mesmos, atitudes em relação aos outros e mudanças nos costumes sociais e crenças religiosas / espirituais".

Já van Lommel et al (2001) apontaram que indivíduos com EQM demonstravam mais os próprios sentimentos, tinham maior aceitação dos outros, eram mais amorosos e empáticos, compreendiam melhor os outros, tinham maior envolvimento na família, sentiam mais o significado interior da vida, tinham menos medo da morte e mais crença em uma vida após a morte, mais interesse no sentido da vida, maior compreensão de si mesmos e maior apreciação das coisas comuns.

EQMs, metafísica e problema mente-corpo

Em geral, teorias fisicalistas de EQMs colocam elementos físicos na base da realidade. Atribuem as causas da EQM à anóxia (BLACKMORE, 1993); à epilepsia do lobo temporal (JANSEN, 1997; SAAVEDRA-AGUILAR & GÓMEZ-JERIA, 1989); à agentes neuroquímicos endógenos, como o DMT, ou algum agente endógeno semelhante à cetamina (JANSEN, 1997; TIMMERMANN et al, 2018); a um surto de ondas gama no cérebro (CHAWLA et al, 2009; BORJIGIN et al, 2013; XU et al, 2023) ou mesmo ao fenômeno biológico da tanatose (PEINKHOFER et al, 2021).

Ao atribuir aos estados físicos a capacidade de gerar estados mentais, sobretudo em contextos de parada cardíaca e de declarada morte clínica, assim

como em condições extremas como de anestesia geral, esse tipo de teoria busca o seu refúgio no cerebralismo e pode assumir alguns pressupostos: (1) a mente é um mero subproduto do cérebro; (2) elementos físicos são fundamentais e preponderantes; (3) estados mentais são epifenômenos sem nenhum poder causal.

Disso, é possível apontar que teorias filosóficas bottom up (de baixo para cima), que concebem a causação ascendente, que enfatizam a primazia dos estados físicos e a impotência causal do mental, seriam a base de sustentação desses modelos.

Em uma análise meticulosa, teorias fisicalistas de EQMs fazem um movimento filosoficamente ambíguo: por um lado, ao mesmo tempo em que *tiram a mente de jogo* (pois atribuem aos agentes físicos a produção de experiência, num cenário fora do estado comum de vigília, numa condição em que o eu, enquanto agente ativo, organizado e causal, não está presente), por outro lado elas acabam por *colocar a mente na matéria* (na medida em que assumem que a atividade física inconsciente e impessoal seria capaz de 'produzir' estado mentais lúcidos, coerentes e organizados).

Com relação a isso, é importante destacar que pesquisas têm documentado a ocorrência de um pensamento claro e organizado, de estados mentais lúcidos, de agilidade de pensamento (GREYSON, 2023), de processos de memória vívidos e detalhados (MOORE & GREYSON, 2017) e de um senso de algo 'mais real do que a realidade' (LONG & PERRY, 2010) que estão muito frequentemente associados a essas experiências. Esse conjunto de características das EQMs fazem com que essas experiências sejam absolutamente únicas e singulares (PARNIA et al, 2023).

A ocorrência desses eventos, em circunstâncias médicas e neurofisiológicas radicais, em que, de acordo com o conhecimento atual, seria esperado obnubilação, turvamento e rebaixamento de consciência, estados mentais confusos e desorganizados, ausência de memória ou memórias fragmentadas, sugere que essas experiências possam ser consideradas um paradoxo científico e filosófico (FENWICK, 1997; PARNIA et al, 2023).

De fato, o estado peculiar de consciência e a profunda sabedoria que emergem da fronteira mais limítrofe da existência, ou, nas palavras de Ring & Valarino (2001, p.204) a existência de um "repertório prodigioso de autoconhecimento que está latente em nós", apontam para um grande mistério que está relacionado a essas experiências. Desse modo, a adoção de uma postura aberta, mas rigorosa, se faz necessária nesse campo de pesquisa. Igualmente, é preciso adotar uma atitude de humildade e de respeito a um fenômeno que insiste em ser complexo, irredutível e enigmático.

Enfim, essa análise sugere a necessidade de colocar limites no ímpeto explicativo que, ao longo da história, produziu teorias simplistas, reducionistas e mecanicistas bastante infundadas, como a atribuição dessas experiências à recordação de memórias do nascimento (SAGAN, 1979); ou a alegação de que seriam produzidas por alucinações tóxicas, metabólicas ou por medicamentos hospitalares (GREYSON, 2007); ou a especulação de que pudessem ser falsas memórias ou memórias imaginadas (FRENCH, 2001); ou ainda a afirmação de que seriam reflexo de expectativas pessoais, religiosas e culturais dos indivíduos (KELLEHEAR, 1993). Tais ideias, afirmadas como verdades, mas sem nenhum respaldo empírico, podem ser atribuídas ao esforço de um furor explicativo que ambiciona desbancar essas experiências.

No âmbito filosófico, é importante perguntar: essas teorias resolvem o 'problema difícil da consciência'? Elas solucionam a questão colocada pela 'lacuna

explicativa'? Elas superam a crítica colocada pelo problema da 'falácia mereológica'?

Coelho (2024, p.85) contribui filosoficamente para essa problematização, ao afirmar que "Apesar de os humanos vivenciarem a realidade da consciência em primeira mão, uma notável mudança de paradigma na cosmovisão ocidental consolidou a noção de uma ordem cognitiva invertida: primeiro temos objetos, e só então mentes, se é que as temos". É exatamente essa concepção tão contraintuitiva, a que ele se refere, que parece permear parte das neurociências e das tentativas de explicar de maneira fisicalista a consciência e as EQMs.

Nesse sentido, muitos pesquisadores consideram que as EQMs podem revelar alguma importância para a discussão sobre o problema da consciência, sobre o problema mente-corpo e sobre a natureza dos estados mentais. Nessa perspectiva, EQMs poderiam ter alguma relevância para o debate ontológico e metafísico, no âmbito da filosofia.

Aspectos fenomenológicos das EQMs: uma análise das revisões de vida e do encontro com o ser de luz

Para a nossa análise do perdão nas EQMs, recorreremos a um olhar sobre dois fenômenos de EQMs: as revisões de vida e o encontro com o ser de luz. Esses fenômenos muitas vezes podem ocorrer associados, mas também podem ocorrer de maneira separada.

Muitas das vezes, o ser de luz conduz o indivíduo à revisão de vida. Os indivíduos destacam que a presença desse ser é marcada pela intenção e pelo propósito de conduzi-lo por sua vida, e seus comentários "podem ajudar a pessoa que tem a EQM a colocar sua vida na devida perspectiva" (LONG & PERRY, 2010, p.115).

A sua luz é descrita pelos indivíduos como muito brilhante e intensa, porém não é uma luz que fere nem machuca os olhos. É uma luz que chama a atenção dos indivíduos, por ser única, por emanar amor incondicional, aceitação, compaixão, paz, e por ser de uma beleza indescritível.

Os indivíduos descrevem que a comunicação com esse ser é peculiar, geralmente envolvendo processos telepáticos, não convencionais, e de compreensão instantânea.

O encontro com o ser de luz, no cenário em que ocorre, geralmente desperta nos indivíduos uma sensação de um retorno ao lar, de chegada à sua casa. Muitas das vezes, esse ambiente é descrito como estando fora do tempo e do espaço como conhecemos.

Todas essas características desse encontro fazem com que, muitas vezes, ele seja descrito com as qualidades daquilo que compreendemos como inefabilidade: algo sublime, transcendente, difícil de colocar em palavras.

Por sua vez, as 'revisões de vida', ou também 'visão panorâmica' são uma das características das EQMs que se destacam por sua importância cientifica e filosófica. Esse evento geralmente engloba a sensação de reviver, de forma rápida e completa, a totalidade da própria existência, desde o nascimento até o momento presente. Em uma visão panorâmica, a vida é vista como um filme, um flashback, ou uma exibição em 360 graus.

Algumas pessoas narram a experiência de uma sucessão incontável de pensamentos, sentimentos e lembranças de vida, ocorrendo em uma fração de segundos. Outros, contam que vivenciaram a sua própria vida ao mesmo instante.

Sobre isso, Ring & Valarino (2001, p.204) descrevem que "Você vê tudo ao mesmo tempo e, mesmo assim, cronologicamente". Ou seja, em geral, a revisão de vida pode vir acompanhada de uma experimentação subjetiva particular do tempo.

Como apontam Ring & Valarino (2001, p.200), considerar esses episódios apenas como 'a vida passando diante dos olhos' é banalizar e "subestimar a EQM com a insipidez de um tabloide, que menciona apenas um trecho de uma entrevista para atender aos seus objetivos".

Com relação a isso, Ring & Valarino (2001, p.201) esclarecem que esse aspecto da EQM não implica apenas em rever a vida, mas revivê-la de verdade, de modo que as pessoas descrevem que, ao observar as cenas, "elas estão *nas* cenas, como se *realmente estivessem vivendo-as novamente*", transcendendo, no relato das pessoas, um processo meramente visual e observacional, se assemelhando mais a uma revisão panorâmica, súbita, tridimensional, experiencial, intensamente emocional e afetiva.

Dessa forma, de acordo com Ring & Valarino (2001), ao vivenciar esse fenômeno, os sujeitos não são apenas observadores passivos que recebem recordações de algum evento, mas são colocados de volta à tudo o que viveram, como se estivesse acontecendo mais uma vez, adquirindo um conhecimento significativo do que ocorreu em suas vidas. Como afirmam os autores, "as suas recordações transformam-se em recriações vívidas dos episódios da sua vida" (RING & VALARINO, 2001, p.201).

Aprofundando essa análise, Ring & Valarino (2001) sustentam que o processo de revisão de vida não é algo mecânico, mas, ao contrário, de acordo com o que os próprios indivíduos narram, eles podem, "de acordo com a sua vontade, passar as imagens mais devagar e até mesmo aumentá-las, para obter uma compreensão mais profunda do seu significado" (RING & VALARINO, 2001, p.208). Esse elemento particular desses fenômenos sugere que o indivíduo possui "um papel ativo no processo de compreender o significado da sua vida" (RING & VALARINO, 2001, p.208).

Essa característica central e notável aponta que, dentro desse estado consciente, existe uma condição muito peculiar de metaconsciência e de metacognição. Ou seja, muitos desses indivíduos possuem a capacidade de estar cientes de si mesmos dentro da experiência. Eles manifestam a habilidade de autodirigir a própria vivência, num processo de introspecção intensificada. A possibilidade de agir deliberadamente durante a experiência denota uma capacidade de interação, de volição, de análise e de intencionalidade que são muito significativas e merecem o devido destaque, sobretudo por conta dos contextos médicos e neurofisiológicos em que ocorrem.

Ao tentar relatar a sensação qualitativa desse fenômeno, muitas das vezes, os indivíduos precisam recorrer a metáforas para descrever suas experiências. Além disso, geralmente elas são tidas como difíceis de definir, ou, em outra palavra, elas são inefáveis.

Experiência e pessoa

Em muitas dessas experiências, a pessoa pode ser simultaneamente o espectador e o protagonista de cada momento. Ou seja, nesse processo, o sujeito vivencia uma centralidade, revendo situações de vida a partir de múltiplas perspectivas. Essa metaperspectiva, ou seja, essa visão integral da situação, com a capacidade de observar a si mesmo, estando consciente da própria consciência, e

de observar ao outro, e se colocar no lugar do outro, revela uma consciência expansiva e uma empatia radical.

Aprofundando o conhecimento sobre esse fenômeno, parte dos indivíduos descreve que, nesse processo de revisão de suas vidas, foram acompanhados por um ser de luz, a quem podem descrever como Deus, ou alguma figura religiosa em particular, mas invariavelmente descrevem como uma fonte absoluta de amor incondicional e de empatia, emanando paz e acolhimento, dotado ainda de uma intenção compassiva. Outro ponto central que caracteriza essa visão panorâmica da vida é a ausência de julgamento externo por parte desse ser.

Todo esse conjunto fenomenológico apontado permite que o indivíduo experimente uma autocrítica sensível e profunda e uma condição de aprendizado existencial. Nesse contexto, o indivíduo avalia seus atos, suas ações, os momentos de conflito e circunstâncias em que magoou, feriu ou agrediu alguém. Como destacam Long & Perry (2010, p.113), essencialmente, o indivíduo "é capaz de sentir como fez os outros se sentirem durante certos acontecimentos de sua vida".

Esse reconhecimento das qualidades, sentimentos e experiências do outro nos permitem pensar na ocorrência de um processo de alteridade e de uma empatia radical. Afinal, o indivíduo, ao se colocar fundamentalmente na perspectiva da outra pessoa, 'vê e sente com os olhos do outro', e compreende através dessa interação e desse contraste com o outro. Essa experiência permite a aquisição da notável capacidade não apenas de avaliar suas próprias ações, mas também de sentir as emoções dos outros, e o impacto que suas atitudes, palavras e omissões causaram nas outras pessoas.

Sendo assim, muitos relatos apontam que a revisão de vida foca principalmente nas interações interpessoais — momentos de bondade e amor são destacados com clareza, enquanto momentos de omissão ou erro proporcionam um processo de revisão, de empatia e de sentir com a intensidade da vítima.

Esses momentos são acompanhados de pensamentos claros, de entendimento, de elucidação e de auto avaliação, geralmente associados a uma sensação de uma súbita compreensão, como se as coisas fizessem sentido. Isso denota processos cognitivos organizados e lúcidos, que revelam capacidade de sentir, de se colocar no lugar do outro, além de uma condição peculiar de analisar e compreender um grande volume de informações, com notável condição de insight e de criatividade.

Geralmente, essa experiência conduz à um processo peculiar de ressignificação subjetiva, de elaboração de sentimentos, e de transformação concreta de relações familiares e afetivas do indivíduo. Nesse cenário, pode haver um movimento de compreender a vida, o seu lugar na vida e as relações de uma maneira diferente. Isso fez com que Ring & Valarino (2001, p.211) apontassem que "essa experiência, em sua essência, é de natureza educativa. Essa declaração é reforçada pela afirmação de Ring & Valarino (2001, p.229), que apontaram que a mensagem nuclear dessa experiência pode ser expressa como um "instrumento definitivo de ensino".

O papel da consciência

A partir da revisão de vida, os indivíduos reportam uma consciência de certo e de errado, adquirem um marcante senso de análise sobre as causas e as consequências de suas ações, revivem momentos não só através de seus olhos, mas da perspectiva das outras pessoas, revelam uma autoconsciência crítica e profunda

e admitem que isso mudou as suas ideias sobre o que é importante na vida (GREYSON, 2023).

A essência dessa experiência manifesta verdades fundamentais universais, observadas em contextos históricos, culturais, religiosos e espirituais diversos, apontando para um senso de propósito ético e moral, afinal, parte desses indivíduos passa a se importar em como vive e no que faz com sua existência.

Analisar os processos transformativos após uma EQM é algo de vital importância, na medida em que, em condições normais, os processos de mudança e a possibilidade de aquisição de insights podem ser demorados, complexos e muitas vezes exigir meses e até anos de introspecção e de psicoterapia.

Greyson (2023) e Ring & Valarino (2001) apontam que a revisão de vida manifesta verdades humanas profundas e fundamentais, como a empatia, o amor e o perdão. Reforçando essa posição, Ring & Valarino (2001, p.212) afirmam que há determinados valores universais "pelos quais devemos nos orientar e os episódios de revisão de vida contêm lembretes vívidos e inacreditavelmente poderosos desses valores".

Isso aponta para um senso de propósito ético e moral que emerge dessas experiências, e que esta articulado, como apontam Greyson (2023) e Ring & Valarino (2021) à chamada 'regra de ouro': "faça aos outros aquilo que você gostaria que lhe fizessem".

Os indivíduos descrevem que a vivência dessa experiência mudou as suas ideias sobre o que é importante na vida. Em geral, se tornam menos materialistas, mais espiritualizados e mais voltados para as relações humanas. Mas nem tudo é positivo nesse processo: muitos precisam de ajuda para integrar todas essas mudanças às suas vidas.

É importante destacar que, embora permita a emergência de grande potencial, "você ainda precisa encarar a si mesmo e aprender com os seus atos. A revisão de vida não o tira de uma situação difícil, mas, simplesmente, o suspende para que você possa ver e compreender a sua vida como uma totalidade (RING & VALARINO, 2001, p.226).

As três dimensões do perdão nas EQMs: mecanismos fenomenológicos

Tendo passado pela discussão dos fenômenos do encontro com o ser de luz e da revisão de vida, avançamos para apontar que a experiência do perdão, que pode ser encontrada no contexto de muitas EQMs, merece uma análise mais detida. Vamos nos deter em três dimensões do perdão, ocorridos nessas experiências.

A) O perdão na perspectiva do encontro místico com o 'ser de luz'

A "consideração compassiva, amorosa e compreensiva" (RING & VALARINO, 2001, p.225) demonstrada pelo 'ser de luz' sugere que o indivíduo pode reviver os diferentes eventos de sua vida, mesmo os mais difíceis, complexos e embaraçosos, com relativa serenidade e condição de autoavaliação. Nesse sentido, uma característica fenomenológica desse encontro é que o ser de luz é um ser de profundo perdão. As pessoas descrevem o quanto se sentem amadas e aceitas pelo ser de luz enquanto reveem episódios de suas vidas. Nesse sentido, a atitude de não julgamento do ser de luz é algo de destaque e que se relaciona intimamente com a temática do perdão. Na medida em que ama incondicionalmente e aceita, o ser de luz permite e possibilita o perdão.

Ring & Valarino (2001, p.226) reforçam esse ponto, ao afirmar que "sejam quais forem as transgressões de uma pessoa, da perspectiva aparentemente onisciente do ser de Luz, o perdão já está implícito". Os autores descrevem casos de pessoas que se sentiram perdoados por seus erros e pecados. Ainda que nesse processo os indivíduos geralmente não relatem culpa, há um auto exame, no qual o abraço e o amor incondicional do ser de luz permitem que a pessoa veja a si mesma verdadeiramente. Nesse sentido, Ring & Valarino (2001, p.227) consideram que o único objetivo do ser ou seres de luz "parece ser a nossa própria compreensão e auto-aceitação".

É possível considerar que a experiência do encontro com o ser de luz permite que o indivíduo faça um autoexame e uma autoavaliação, de maneira proposital e intencional. Um importante dado fenomenológico é que o perdão nessa perspectiva ocorre não no encontro enre agressor e agredido, mas no encontro do indivíduo com uma fonte de amor e aceitação incondicional. É notável que o indivíduo vivencia essa experiência sem ser paralisado pela culpa (o que a psicanálise apontou como obstáculo). Nesse sentido, o perdão do ser de luz envolve um acolhimento e aceitação que facilita o perdão interno.

B) O 'auto perdão', o perdoar a si mesmo

Talvez, esse ponto deriva diretamente da experiência de contato com o ser de luz. Interpretamos que, sem o julgamento externo, o indivíduo se engaja numa autocrítica empática, numa revisão de seus comportamentos e atitudes, de maneira refletida e com desdobramentos éticos e morais, de modo que a não recriminação se torna possível.

No contexto da revisão de vida, os indivíduos olham para os seus próprios atos com uma consideração compassiva e compreensiva, sem crítica externa, mas com uma capacidade interna de autoanálise e de reconsideração. Essa condição aponta para uma flexibilidade cognitiva e existencial, bem como para uma busca proposital, intencional e direcionada pelo aprendizado, e se desdobra em uma notável capacidade de retificação subjetiva.

Desse modo, o indivíduo analisa suas atitudes, revê suas ações e reconsidera sua forma de agir. O sujeito vivencia esses eventos não se prendendo à culpa paralisante e autodestrutiva, mas o faz de forma ativa, premeditada e deliberada, para se confrontar com esse passado e se reconfigurar. Essa dinâmica confere a essa vivência a condição de uma experiência profundamente significativa e marcante.

Nesse sentido, interpretamos que essa notável capacidade de retificação e de adotar uma atitude mais compassiva para consigo mesmo pode estar relacionada com a dinâmica do auto perdão.

C) Perdoar o outro: reconciliação

Essa outra dimensão do perdão relacionado à EQMs ocorre quando os indivíduos 'perdoam' ou finalmente se reconciliam com figuras com as quais tinham problemas. Na revisão de vida, vivenciando a perspectiva ampliada de se colocar no lugar do outro e recapitular a relação, o indivíduo consegue obter uma compreensão da subjetividade do outro, a partir da perspectiva e dos conflitos desse outro. Ao ver as dores do outro, também podem ver a sua humanidade e as

suas necessidades existenciais não atendidas. Esse processo promove profundas reparações na relação com esse outro (GREYSON, 2023).

Esse perdão ao outro ocorre na forma de um manejo flexível que o próprio indivíduo realiza, num processo de retificação que aponta para uma ampla capacidade cognitiva e para a condição de insights profundos. Tudo isso é vivenciado numa circunstância improvável, mas com profundos desdobramentos éticos, o que nos faz pensar que uma sabedoria existencial e transformadora emerge dessa experiência. O perdão ao outro é uma consequência direta da experiência consciente e lúcida vivenciada nas EQMs, bem como do amor e da superação do ressentimento que essa experiência permite.

Na EQM, é comum os indivíduos perceberem que a atitude de falta de perdão pode deixar marcas e consequências em suas vidas. Muitos indivíduos falam que, através de suas experiências, eles perceberam que Deus queria que eles entendessem que é necessário perdoar quem os magoou. Os indivíduos reconhecem que perdoar não é fácil. Mas descrevem que a EQM catalisou e possibilitou uma experiência de perdão, ou o início de um processo de tentativa de perdão.

O perdão na EQM como evidência de uma transformação radical

A ocorrência do perdão nas EQMs, acontecendo em contextos radicais do ponto de vista neurofisiológico, psicológico e existencial, aponta para o paradoxo da ocorrência de alta capacidade cognitiva numa situação improvável, na qual seria esperado desorganização, confusão, caos e medo. Entretanto, essa experiência é sucedida por uma capacidade mental incomum e surpreendente, que lhe confere a condição de um estado ampliado e singular de consciência.

A notável vivência de insights psicológicos profundos, de empatia, de flexibilidade, de alteridade, de capacidade de perdão, tudo isso ocorrendo no limite da vida, sugere que essas experiências possuem importância metafísica, ética, existencial e espiritual, numa relevância que não pode ser ignorada.

O perdão nos contextos analisados aparece como uma condição que permite a ruptura de ciclos, que permite o apaziguamento de traumas e que leva a mudanças significativas na relação do indivíduo com o outro. O perdão se manifesta na tentativa de compreender a dor causada ao outro, com a posterior tendência a não repetir as mesmas atitudes. O perdão emerge como o renascimento da capacidade de se amar, que fora perdida por muitos dos indivíduos. Ele surge como aquilo que, para algumas pessoas, "não só mudou suas prioridades, como as salvou de um estilo de vida destrutivo" (GREYSON, 2023, p.250).

Nesse sentido, as características fenomenológicas dessa experiência, na maneira como foram descritas (a sua realidade intensificada e aprimorada; o seu contexto de amor incondicional; o seu aspecto proposital, ativo e intencional; o funcionamento cognitivo peculiar e ampliado), ocorrem de um modo em que a transformação, a retificação e o perdão se tornam possíveis. Sendo assim, é observada a emergência de um amplo, porém inesperado, conjunto de recursos de autoconhecimento e de sabedoria, justo no limite da vida.

Avançando, essa plasticidade existencial que se manifesta na EQM, a notável capacidade de autorreflexão, a ocorrência de transformação, a ressignificação da vida, as alterações de valores e as profundas mudanças de personalidade, particularmente a ocorrência do perdão, sinalizam para a questão filosófica da liberdade.

A liberdade pode ser pensada enquanto uma condição de flexibilidade, de mover camadas existenciais enrijecidas e aparentemente cristalizadas, apontando para o exercício de uma maleabilidade ontológica e para uma elasticidade das estruturas do ser.

A liberdade é pressuposto para a mudança humana. Ser livre é uma condição necessária para que o indivíduo de fato vivencie uma retificação subjetiva.

A análise da liberdade, que é possível ser feita nesse contexto, é de importância crucial, tanto para a compreensão dessas experiências, quanto para a sua análise filosófica, bem como para as seus potenciais implicações ontológicas e metafísicas.

Nesse sentido, a análise rigorosa do conjunto de fenômenos que envolvem o perdão e a liberdade, como ocorrem nesse campo de estudos, nos permitem apontar para a sua autenticidade e legitimidade, bem como para a sua preponderância filosófica. A liberdade que se manifesta é uma realidade fundante que permite a reorganização do indivíduo.

Assim, podemos realizar uma crítica ao fisicalismo, sobretudo direcionado às suas vertentes reducionistas, como expressas no campo da filosofia da mente pela teoria da identidade, pelo behaviorismo filosófico, pelas teorias ilusionistas, pelo eliminativismo.

Também é possível estender essa crítica às teorias supervenientes e epifenomenalistas, na medida em que a consciência surge como um elemento significativo, legitimamente causal e primordial. A capacidade de metaconsciência, de aprimoramento cognitivo, de ampliação dos estados mentais, de manifestação de auto-organização e da ocorrência de criatividade, sabedoria e profundas transformações de vida, num contexto de 'catástrofe cerebral' (FENWICK, 1997), nos permitem assinalar que essas experiências envolvem um paradoxo científico e filosófico.

Disso, apontamos que o estado singular e ampliado de consciência vivenciado durante uma EQM, aponta para uma rápida, radical e improvável condição de transformação existencial.

Desse modo, na EQM convergem questões éticas, ontológicos e metafísicas de profundo interesse filosófico e científico, sendo um campo fecundo para a reflexão filosófica, um campo propício para a investigação de elementos humanos, existenciais e espirituais.

Conclusão

As EQMs são um estado singular de consciência, um ponto de fronteira, onde o perdão pode se manifestar em sua forma mais improvável, mas também radical, verdadeira e transformadora, numa superação do ressentimento e da compulsão à repetição que, em outros contextos, exigem longos processos de elaboração.

Com relação a isso, um dos mais notórios pesquisadores de EQMs, Greyson (2023) fala como os efeitos abrangentes e duradouros das EQMs são o que mais o surpreende nessas experiências, sendo o seu aspecto mais consistente. "Sendo psiquiatra, eu sabia muito bem como pode ser difícil ajudar as pessoas a adotarem mudanças singelas na vida, muitas vezes exigindo semanas, meses ou mesmo anos de trabalho intenso. No entanto, aqueles que vivenciaram a quase-morte afirmaram que isso reformulou sua vida em questão de segundos" (GREYSON, 2023, p.226).

Podemos levantar distinções fenomenológicas entre o perdão na ótica filosófica e psicanalítica e o perdão por meio das mudanças rápidas e completas que ocorrem a partir da EQM. Se para a filosofia e a psicanálise o perdão é uma conquista ética e psicológica, alcançada por meio da volição e da elaboração, contra as forças do ressentimento e da repetição, na EQM o perdão pode ser entendido como um evento possibilitado pela suspensão das condições normais de consciência, num processo catalítico em que a ausência de julgamento, o amor incondicional e o mecanismo cognitivo da empatia radical e do funcionamento mental lúcido e aprimorado possibilitam uma aceleração da retificação subjetiva, que aparenta ser mais complexa e rara nos processos normais de vigília. A EQM, esse "instrumento definitivo de ensino" (RING & VALARINO), poderia ser tomada como um atalho existencial e ético para o perdão.

Prosseguindo, a capacidade de intencionalidade, de metaconsciência, de metacognição e de transformação nesse contexto apontam para a temática da liberdade, tão cara à filosofia, e tão complexa no contexto do reducionismo neurocientífico, e reforçam as implicações metafísicas dessas experiências.

A empatia radical, o amor incondicional, a ausência de julgamento externo, a presença de uma análise interna compassiva, corretiva e transformadora apontam para um mecanismo singular presente nas EQMs.

A ocorrência desses eventos experimentados como um estado peculiar e expandido de consciência, com senso de realidade aprimorado, com agilidade cognitiva, criatividade e uma sabedoria emergente, com processos de memória organizados e diferenciados, sugere um desafio às teorias fisicalistas da consciência.

As vivências relatadas no contexto de uma EQM, bem como os seus desdobramentos transformadores e os impactos interpessoais na vida do indivíduo, apontam para a noção de *'realismo moral'*, sugerindo que há fatos morais objetivos e independentes da mente no mundo. A objetividade da moral que emerge numa EQM é independente de crenças, cultura, sentimentos ou convenções. Ela aponta, de maneira universal, que agredir ao outro é algo que deixa repercussões para o sujeito. Nesse sentido, a autoavaliação e o perdão se colocam como uma condição transformadora, que se tornou possível tão somente nesse estado peculiar de consciência.

As repercussões dessas questões para o campo da ética sugerem que algumas ações estão categoricamente certas e que valores verdadeiros podem ser discerníveis. Essa ética realista aponta para a força normativa dos nossos deveres e valores morais, enquanto seres inseridos numa sociedade, com profundas implicações para as relações interpessoais.

O fato de o perdão ocorrer de forma genuína, transformadora e persistente, a partir de condições extremas do ponto de vista médico e neurofisiológico, aponta que esse é um tema de considerável relevância para a pesquisa científica e filosófica.

Referências

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

ARENDT, Hannah. *Responsibility and judgment*. New York: Schocken Books, 2003.

BIANCO, S. et al. The psychological correlates of decreased death anxiety after a near-death experience: the role of self-esteem, mindfulness, and death representations. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 64, n. 3, p. 343-366, 2019. DOI: 10.1177/0022167819892107.

BLACKMORE, Susan. *Dying to live: near-death experiences*. New York: Prometheus Books, 1993.

BORJIGIN, J. et al. Surge of neurophysiological coherence and connectivity in the dying brain. *PNAS*, v. 110, n. 35, p. 14432-14437, 2013. DOI: 10.1073/pnas.130828511.

CHARLAND-VERVILLE, V. et al. Near-death experiences in non-life-threatening events and coma of different etiologies. *Frontiers in Human Neuroscience*, v. 8, 2014. DOI: 10.3389/fnhum.2014.00203.

CHAWLA, Lakhmir S. et al. Surges of electroencephalogram activity at the time of death: a case series. *Journal of Palliative Medicine*, v. 12, n. 12, 2009. DOI:

10.1089/jpm.2009.0159.

COELHO, Humberto Schubert. How metaphysical ignorance shapes the discussion on the nature of the mind. *International Review of Psychiatry*, v. 37, n. 2, 2024. DOI: 10.1080/09540261.2024.2427042.

DERRIDA, Jacques. On forgiveness. In: DERRIDA, J. *On cosmopolitanism and forgiveness*. London; New York: Routledge, 2001. p. 25-60.

FACCO, Enrico; AGRILLO, Christian. Near-death-like experiences without life-threatening conditions or brain disorders: a hypothesis from a case report. *Frontiers in Psychology*, v. 3, 2012. DOI: 10.3389/fpsyg.2012.00490.

FENWICK, Peter. Is the near-death experience only N-methyl-D-aspartate blocking? *Journal of Near-Death Studies*, v. 16, n. 1, p. 43-53, 1997.

FRENCH, Christopher C. Dying to know the truth: visions of a dying brain, or false memories? *The Lancet*, v. 358, n. 9298, p. 2010-2011, 2001.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. In: FREUD, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GABBARD, Glen O.; TWEMLOW, Stuart W. Do "near-death experiences" occur only near death? – revisited. *Journal of Near-Death Studies*, v. 10, n. 1, p. 41-47, 1991.

GREYSON, Bruce. Near-death experiences and antisuicidal attitudes. *Omega*, v. 26, n. 2, p. 81-89, 1993.

GREYSON, Bruce. Incidence and correlates of near-death experiences in a cardiac care unit. *General Hospital Psychiatry*, v. 25, p. 269-276, 2003. DOI: 10.1016/S0163-8343(03)00042-2.

GREYSON, Bruce. Experiências de quase-morte: implicações clínicas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 34, supl. 1, p. 116-125, 2007.

GREYSON, Bruce. Persistence of attitude changes after near-death experiences: do they fade over time? *Journal of Nervous and Mental Disease*, v. 210, n. 9, p. 692-696, 2022.

GREYSON, Bruce. *Depois da vida*. Trad. Willians Glauber. Porto Alegre: Citadel, 2023.

GROTH-MARNAT, Gary; SUMMERS, Ruth. Altered beliefs, attitudes, and behaviors following near-death experiences. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 38, n. 3, p. 110-125, 1998. DOI: 10.1177/00221678980383005.

JANSEN, Karl L. R. The ketamine model of the near-death experience: a central role for the N-methyl-D-aspartate receptor. *Journal of Near-Death Studies*, v. 16, n. 1, 1997.

KELLEHEAR, Allan. Culture, biology, and the near-death experience: a reappraisal. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, v. 181, n. 3, p. 148-156, 1993. DOI: 10.1097/00005053-199303000-00002.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da*

psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LONG, Jeffrey; PERRY, Paul. *Evidências da vida após a morte*. Trad. Tina Jeronymo. São Paulo: Larousse, 2010.

LONG, Jeffrey; WOOLLACOTT, Marjorie. Long-term transformational effects of near-death experiences. *Explore*, v. 20, n. 5, 2024. DOI: 10.1016/j.explore.2024.103030.

LUSKIN, Fred. *Forgive for good: a proven prescription for health and happiness*. New York: HarperCollins, 2002.

MIQUEL-SENDRA, Adela; GARCÍA-ALANDETE, Joaquín. Systematic review on the aftereffects of near-death experiences. *OMEGA – Journal of Death and Dying*, v. 0, p. 1-22, 2025.

MOORE, Lauren E.; GREYSON, Bruce. Characteristics of memories for near-death experiences. *Consciousness and Cognition*, v. 51, p. 116-124, 2017.

NOYES JR., Russell. Attitude change following near-death experiences. *Psychiatry*, v. 43, n. 3, p. 234-242, 1980. DOI: 10.1080/00332747.1980.11024070.

PARNIA, Sam et al. AWAreness during REsuscitation-II: a multicenter study of consciousness and awareness in cardiac arrest. *Resuscitation*, v. 191, p. 1-12, 2023. DOI: 10.1016/j.resuscitation.2023.109903.

PEHLIVANOVA, Marieta; CARROLL, Ashley; GREYSON, Bruce. Which near-death experience features are associated with reduced fear of death? *Mortality*, 2022. DOI: 10.1080/13576275.2021.2017868.

PEINKHOFER, Costanza et al. The evolutionary origin of near-death experiences: a systematic investigation. *Brain Communications*, 2021. DOI:

10.1093/braincomms/fcab132.

RICOEUR, Paul. *Memory, history, forgetting*. Trans. Kathleen Blamey; David Pellauer. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

RICOEUR, Paul. *Oneself as another*. Trans. Kathleen Blamey. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

RING, Kenneth; VALARINO, Evelyn Elsarsser. *Lições da luz: o que podemos aprender com as experiências de proximidade da morte*. Trad. Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 2001.

SAAVEDRA-AGUILAR, Juan C.; GÓMEZ-JERIA, Juan S. A neurobiological model for near-death experiences. *Journal of Near-Death Studies*, v. 7, n. 4, p. 205-222, 1989.

SAGAN, Carl. *Broca's brain: reflections on the romance of science*. New York: Ballantine Books, 1979.

SCHWANINGER, Janet et al. A prospective analysis of near-death experiences in cardiac arrest patients. *Journal of Near-Death Studies*, v. 20, p. 215-232, 2002. DOI: 10.1023/A:1015258818660.

SILVA, Monalisa Claudia Maria da; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. Impactos psicológicos da experiência de quase-morte: abordagem pelo profissional de saúde. *Interações*, v. 18, n. 1, e181t02, 2023.

TIMMERMANN, Christopher et al. DMT models the near-death experience. *Frontiers in Psychology*, v. 9, 2018. DOI: 10.3389/fpsyg.2018.01424.

VAN LOMMEL, Pim et al. Near-death experience in survivors of cardiac arrest: a prospective study in the Netherlands. *The Lancet*, v. 358, n. 9298, p. 2039-2045, 2001.

WORTHINGTON, Everett L. Jr. *Forgiveness and reconciliation: theory and application*. New York: Routledge, 2006.

XU, Gang et al. Surge of neurophysiological coupling and connectivity of gamma oscillations in the dying human brain. *PNAS*, v. 120, n. 19, e2216268120, 2023. DOI: 10.1073/pnas.2216268120.

Recebido em: 11/2025
Aprovado em: 07/2026